

## OS CONCEITOS DE MINORIAS E MASSAS NA FILOSOFIA POLÍTICA DE ORTEGA Y GASSET

*Antonio Charles Santiago Almeida\**  
*Roger Luiz da Silva Almeida\*\**

**Resumo:** Pretende-se analisar os conceitos de “minorias” e “massas”, segundo a filosofia política de Ortega y Gasset, apresentados na obra “A Rebelião das Massas”. Tais conceitos guardam uma tipologia de duas espécies de homens, a saber: o “homem especial” e o “homem massa”. Para compreensão dessa tipologia, faz-se necessário investigar<sup>1</sup> a filosofia política do autor e sua relação com as possíveis limitações da democracia como espaço de participação popular, uma vez que vários pensadores atribuem a Ortega y Gasset o título de “teórico das elites”. Sob o olhar conceitual que guarda o filósofo acerca de “minorias” e “massas”, pretende-se analisar a procedência ou não dessa crítica, mediante o estudo sistemático desses conceitos cardeais na obra “A Rebelião das Massas”.

**Palavras-chave:** Filosofia. Política. Democracia.

---

\* Especialista em Educação, Cultura e Memória pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), Campus Itapetinga, BA. E-mail: [santiago@uesb.br](mailto:santiago@uesb.br); [sandiabo@yahoo.com.br](mailto:sandiabo@yahoo.com.br)

\*\* Mestre em Engenharia Agrícola pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), Campus de Itapetinga, BA. E-mail: [rogerluiz@bol.com.br](mailto:rogerluiz@bol.com.br).

<sup>1</sup> Este artigo resulta de projeto de pesquisa que se encontra em andamento no Departamento de Estudos Básicos e Instrumentais (Debi), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), intitulado: “Releitura das ‘minorias’ e ‘massas’ na filosofia política de Ortega y Gasset para compreensão da pedagogia raciovitalista e sua práxis pedagógica”.

### **Uma leitura filosófica dos conceitos de “minorias” e “massas”**

A filosofia de Ortega y Gasset é dedicada à compreensão do homem e sua dimensão política na sociedade. O homem é um tema clássico na filosofia e, em Ortega y Gasset, há uma preocupação especial com este objeto de investigação filosófica. Para discutir o homem, no âmbito da filosofia, o filósofo espanhol constrói uma série de conceitos que adquirem uma significação especial em sua investigação, dentre os quais se destacam “circunstâncias”, “minorias”, “massas” e “vocação”. Tais conceitos guardam uma significação própria do autor e estão interligados ao homem de forma simultânea. A “circunstância” é capital para a filosofia de Ortega y Gasset (1987). Ela se revela não só como realidade histórica e temporal: a “circunstância” ultrapassa o sentido de espaço cultural, histórico, econômico, social, familiar e religioso, não obstante inclua tudo isso, além do que cabe ao homem e à sua relação com o mundo circundante.

As “minorias” aparecem como qualidades, individuais e coletivas, de indivíduos que vivem a realidade circunstancial de forma dinâmica e consciente. As “minorias”, segundo o filósofo, compreendem que a vida é uma aventura única, e viver significa responder aos desafios que as “circunstâncias” reclamam. A vida aparece como um desafio para as “minorias”, cujo papel é transformar as “circunstâncias” para dar sentido à vida individual e coletiva. De acordo com Ortega y Gasset (1987), as “minorias” têm o papel de organizar e dirigir a sociedade, pois a vida humana é contínua e histórica, não podendo ser abandonada ao acaso das “massas” que vivem a realidade presente. Entretanto, essa “minorias” não é a elite burguesa que detém o controle da economia e da sociedade. Deve-se entender por burguesia uma classe que comanda os meios de produção, controla o poder político e que tem como adversário permanente o proletariado, que é possuidor exclusivamente da força de trabalho. (BOBBIO, 2000). A “minorias” é o conjunto de indivíduos que se angustia como sujeito finito na relação circunstancial do “eu” com o mundo e suas possibilidades.

O elemento de oposição às “minorias” são as “massas”, que se apresentam como um fenômeno visual e qualitativo. A definição de “massas” não é exclusivamente política ou sociológica, adverte o filósofo espanhol. Esse fenômeno visual não compreende o valor da vida que é única e intransferível, ainda assim, insubordina-se às “minorias”, que precisam dirigi-las já que elas não podem e nem devem assumir a direção de suas próprias vidas. Pode-se dizer que as “massas” vivem a frivolidade, e não a missão de serem diferentes. E para dissecar a compreensão de “massas”, Ortega y Gasset (1987) atribui ao homem das “massas” o título de “homem-massa”. Um homem que não dispõe de um ideal ético e tampouco consegue viver a dimensão de sua vocação pessoal e intransferível, a saber, potencializar as “circunstâncias”. A vocação é definida pelo filósofo espanhol como um objetivo que deve ser buscado de forma intensa pelo homem. Esta vocação é o apelo do “eu” interior para a realização individual dos anseios próprios e, posteriormente, para construção do coletivo que o filósofo denomina de vir-a-ser.

### **A fundamentação da filosofia política e sua relação com os conceitos de “minorias” e “massas”**

A filosofia política de Ortega y Gasset é pontuada por uma compreensão de sociedade segundo uma análise histórica e visual dos problemas sociais e políticos. Na obra “Meditações de Quixote” (ORTEGA Y GASSET, 1967), o filósofo antecipa a discussão dos problemas sociais e políticos pela preocupação com a vida humana e sua relação com o que entende por “circunstância”. Isso pode ser mais bem entendido com base em um pensamento capital, segundo o qual o homem e a circunstância estão, de forma fenomenológica, um para o outro e um não vive sem o outro. Já é perceptível um esboço da necessidade de empreender um estudo sistemático da vida humana e seus problemas cotidianos na obra “Meditações de Quixote”.

Na obra “Espanha Invertebrada”, Ortega y Gasset (1956) sistematiza melhor a compreensão da sociedade com a divisão entre “minorias” e “massas”, porém a discussão é articulada em apenas dois capítulos, não suficientes para dissecar o tema proposto pelo filósofo e para explicar a dinâmica da sociedade por meio desses dois fatores.<sup>2</sup>

É com a obra “A Rebelião das Massas” que Ortega y Gasset (1987) torna-se conhecido entre os mais notáveis intelectuais do seu tempo. Esta obra é cardeal para o desenvolvimento de sua filosofia política e para a fundamentação das discussões sobre a vida humana e sua relação na sociedade, introduzida com “Meditações de Quixote”. A obra começou a ser escrita em 1926, em artigos que foram publicados em um jornal de Madrid e, em 1930, foi publicada, com a reunião e seleção desses artigos.

### **A filosofia política e sua incompreensão conceitual**

Os textos que compõem a obra em estudo fazem uma análise da sociedade contemporânea tomando como base a realidade espanhola e, conseqüentemente, a européia. O filósofo começa pela descrição da mediocridade do homem. Um homem que, sem projeto de vida e de sociedade, resolveu participar da vida pública sem qualquer esforço. Para melhor encadear seu pensamento, o filósofo retoma os conceitos trabalhados nas obras anteriores e sistematiza em especial os conceitos de “circunstância”, “minorias” e “massas”. Tais conceitos evidenciam uma tipologia de homem que o filósofo descreve como “homem-especial<sup>3</sup>” e “homem-massa<sup>4</sup>”.

<sup>2</sup> O uso do termo “Fatores” deve-se ao próprio Ortega y Gasset (1987, p. 47), preocupado em evitar o termo “classe”, já bastante marcado pela concepção marxista de “classes social”.

<sup>3</sup> “Quando se fala em minorias especiais, a habitual má-fé (*sic*) costuma distorcer o sentido dessa expressão, fingindo ignorar que o homem especial não é o petulante, que se julga superior aos outros, mas o que exige mais de si mesmo que a maioria, ainda que não consiga atingir essas exigências superiores”. (ORTEGA Y GASSET, 1987, p. 45).

<sup>4</sup> “Um homem feito de pressa, montado simplesmente sobre poucas e pobres abstrações e que, por isso, é idêntico de um extremo ao outro da Europa. A ele se deve o triste aspecto da asfixiante monotonia que a vida vai tomando em todo continente”. (ORTEGA Y GASSET, 1987, p. 14).

Alguns teóricos como Martínez (1997) e Miguel (2002) atribuem a Ortega y Gasset o título de “teórico das elites”. Segundo esses autores, a filosofia política do pensador espanhol é elitista e conservadora. Justificam tal análise pela concepção dicotômica de sociedade exposta por Ortega y Gasset. Quando o filósofo faz a divisão da sociedade entre “minorias” e “massas” – em que aquelas têm o dever de sempre dirigir a sociedade, e estas, o dever de sempre obedecer a tais dirigentes – os autores citados acreditam tratar-se de um pensamento em defesa das elites. Porém, para compreender a filosofia política de Ortega y Gasset, faz-se necessário pensar que a sua filosofia é assinalada por conceitos que são próprios do autor para estudar o homem e sua dimensão política na sociedade. Para isso, Ortega y Gasset fundou um jornal, em Madrid, para publicar artigos de filosofia e democratizar o conhecimento em um país sem tradição de filósofos e cientistas, cujo objetivo era desenvolver a sua Espanha e torná-la grande. O autor entendeu que não era preciso copiar outras culturas, como a alemã e a francesa, onde o desenvolvimento intelectual era expressivo na época, mas desencadear, no povo espanhol, um espírito crítico e nacionalista. Ferrater Mora comenta, no ensaio introdutório da “Origem e Epílogo da Filosofia”:

Mas o que acontece quando as associações profissionais são escassas, quando as revistas especializadas são praticamente inexistentes e quando as Universidades estão dominadas pela rotina? Não é melhor, então, agir por aproximação e cauteloso rodeio? Não é preferível evitar os atalhos? Ortega os evitou, e com isso criou a possibilidade da mais densa atmosfera intelectual espanhola. E nisso reside, em grande parte, o segredo de sua renúncia à especialização, e sua eleição da imprensa diária como meio principal e constante de comunicação filosófica ao público. (MORA, 1963, p. 29).

É como se as análises de Ortega y Gasset, publicadas em jornais e revistas, não fossem para todo o povo espanhol. Ainda mais quando o filósofo tenta tornar a filosofia tão acessível, em uma época de crise, a ponto de colocá-la nas praças públicas. As críticas foram

imediatas quando Ortega y Gasset descreveu a desprezível presença de um homem que resolveu aparecer e transformar a sociedade no caos que se encontrava o século XIX. Sofreu severas críticas por conta de seus textos incisivos e polêmicos, que se tornariam, no futuro, a obra “A Rebelião das Massas”. Todavia, continuou firme com as reflexões sobre a crise da sociedade contemporânea que, segundo ele, não era simplesmente uma crise política, mas um problema de ordem estrutural no que tange ao papel das “minorias” e das “massas”.

A harmonia da sociedade e seu bom funcionamento dependiam do esforço contínuo das “minorias” em realizar sua vocação de dirigente, bem como da aceitação das “massas” ao seu papel de subordinação e docilidade para com as “minorias” especiais. A sociedade vivia, segundo o filósofo, um período de insubordinação e violência das “massas” contra os que pensavam de modo diferente. Elas avançavam para o seio da sociedade com o desejo de mandar e assumir funções qualificadas que eram específicas das “minorias”.

Para compreender bem o papel de cada homem, seja ele “homem-especial” ou “homem-massa”, é preciso levar em consideração a forma de viver de cada sujeito, pois é a maneira de viver de cada homem que determina sua condição de “minorias” ou de “massa”.

Borel (1959, p. 77), pensador francês que se dedicou intensamente aos estudos da obra de Ortega y Gasset, afirma que “se a vida é o momento preciso onde uma ação se realiza em uma consciência, ela não tem outro modo de ser que a ser vivida”. Esta consciência de viver a vida como realidade finita é o desafio orteguiano, pois viver implica em navegar em mares desconhecidos com responsabilidade e coragem de construir possibilidades para um mundo melhor e mais justo.

Esse viver, para Ortega y Gasset, é um desafio em que só as “minorias” se arriscam. Para Borel, a compreensão da filosofia de Ortega y Gasset deve contemplar uma leitura rigorosa e sistemática de

seus conceitos e da relação possível entre eles. Quando se fala de uma leitura sistemática e rigorosa, é patente que o leitor faça uma leitura filosófica e não puramente política ou sociológica das obras do escritor espanhol.

Cascalès (1957), ao tratar da vida humana, segundo Ortega y Gasset, afirma que é preciso que a nossa missão seja o oposto da missão de Sócrates: ele descobriu quando começa a razão, e nós devemos delimitar onde ela termina. A razão pura deve ceder lugar para a razão da vida que aparece como realidade radical. Por isso, Cascalès reflete sobre a substituição de razão pura pela razão da vida. Mas o que significa, segundo Ortega y Gasset, razão da vida? É preciso destacar que o filósofo passou bom período de sua formação intelectual com os alemães e teve contato direto com os ensinamentos dos neokantistas, entre eles, Nicolai Hartmann, Heiz Heimsoeth, Cohen e Paul Natorp, por isso a razão era um tema presente nos estudos de Ortega y Gasset, mas ele, diferente de todos os kantianos, destacou-se com a reflexão sobre a vida como razão última. É desta realização da vida como realidade única que os homens devem se apropriar, ou seja, “o saber se subordina à vida”.

### **A influência de Kant nos escritos políticos de Ortega y Gasset**

Segundo Kant (1985), o homem pode libertar-se dos mitos e de toda a ignorância em que se encontra no seu estado de *menoridade*. Essa menoridade não é natural e, por isso, o homem precisa emancipar-se de sua ignorância, o que significa deixar a condição de menor para uma condição de maior. Em que consiste tal possibilidade? Uma emancipação de que tipo de homem? Quem é sujeito da reflexão kantiana, já que o filósofo é um teórico do iluminismo?

A preocupação do filósofo alemão era discutir a condição cultural do homem e sua relação com o desenvolvimento da sociedade. Para tanto, o filósofo elegeu uma tipologia que divide o homem em sujeito menor e sujeito maior. Não atribui a essa

menoridade uma condição de natureza, mas uma situação cultural. O homem que não usa da razão para compreender o mundo que o cerca, e vive esvaziado de si mesmo, é um típico homem menor, tutelado pelos mitos e pela religiosidade. Segundo Kant (1985), a condição de menor agrada ao sujeito que não se esforça para enxergar e construir o mundo com os seus próprios esforços.

Kant (1985) não faz referência ao livro VII de “A República”, do pensador Platão (2001), mas percebe-se a influência platônica na descrição da menoridade. Quem fizer a leitura concomitantemente de “O que é o esclarecimento?” e do Livro VII de “A República” perceberá os traços de uma mesma filosofia que pensa uma divisão da sociedade pautada nos esforços de perseguir a razão, muito embora a defesa de Platão, no Livro VII, não seja de uma racionalidade como pensa Kant, mas de uma clareza que desvela as sobras e emancipa o homem da condição alienante. A caverna desenhada por Platão pode, por meio de uma análise antropológica, denunciar as condições do conhecimento elaborado por uma menoridade irracional que determina o objeto de estudo sem levar em consideração a realidade circunstancial desse objeto.

Adorno e Horkheimer (1985), na obra “Dialética do Esclarecimento”, fazem severas críticas ao esclarecimento kantiano. Segundo eles, Kant não destruiu os mitos como tão bem pretendeu, mas, pelo contrário, acrescentou um mito muito maior que pode ser denominado de razão. Esta mesma razão que, segundo o filósofo, emanciparia o homem é que vai construir a bomba e as guerras, colocando o homem sob o jugo dessa razão instrumental. Não significa que Ortega y Gasset tenha copiado ou se deixado seduzir pela divisão kantiana da sociedade entre menoridade e maioridade. O que o filósofo de Madrid fez foi reelaborar a filosofia kantiana no que diz respeito à concepção de política e de razão humana.



### **Observações meramente políticas e não filosóficas: um equívoco de leitura**

Alguns teóricos tomam como leitura fundamental “A Rebelião das Massas” para compreender a filosofia política de Ortega y Gasset, mas não consideram a abrangência dos conceitos filosóficos que são guardados fora da perspectiva exclusivamente política. Para entender a filosofia política do filósofo espanhol, é preciso que os conceitos anteriormente arrolados sejam compreendidos e relacionados entre si numa perspectiva orteguiana.

Martinez (1997), em “Teoria das Elites”, atribui a Ortega y Gasset o título de teórico das elites. Para esse autor, “a intenção dos formuladores da teoria das elites era propor uma alternativa à teoria marxista da luta de classes, explicando as diferenças existentes em todas as sociedades de maneira oposta ao pensamento socialista”. (MARTINEZ, 1997, p. 11). É possível que Martinez esteja fazendo uma leitura meramente política dos conceitos orteguianos. O próprio Ortega y Gasset já salientava que seus conceitos não são e nem devem ser pensados exclusivamente sob o prisma político, pois a vida é muito mais que política.

Não há uma preocupação do filósofo espanhol em combater a luta de classes, mas em identificar, em cada classe, o “homem-especial” e o “homem-massa”, pois acredita que os conceitos de “minorias” e “massas” são pensados como qualidade e não como quantidade. A qualidade encontra-se na possibilidade de esforçar-se para construir uma sociedade dinâmica e diferenciada, enquanto a quantidade é resultado do pensamento coletivo que não permite a singularidade do sujeito e sua relação com a circunstância como realidade individual e intransferível.

Gasset refletiu esse clima de pessimismo em sua obra e o explicou com raciocínios que hoje seriam considerados, no mínimo, maniqueístas. Considerava que o fato mais importante na época era a presença ostensiva da massa, sua participação, as pressões e

influências que exercia no cenário social, através do direito do voto, das reivindicações econômicas, das greves, dos protestos em todos os países, inclusive com emprego da violência. (MARTINEZ, 1997, p. 15).

São pertinentes as observações de Paulo Martinez no que tange à dimensão política, quando se refere ao formidável aparecimento das “massas” no poderio social defendido por Ortega y Gasset. Também se pode considerar a denúncia de que as “massas”, com as reivindicações, greves e protestos, ameaçam a tranquilidade da vida pública. No entanto, se considerarmos o aspecto filosófico-conceitual, e não só político, será perceptível uma série de equívocos com relação às afirmações de Paulo Martinez.

O aparecimento das “massas” é sinal de que é possível mudar a sociedade e de que a vida é dinâmica. A realidade presente, segundo o filósofo, testemunha a possibilidade de uma virada histórica a fim de envolver o povo espanhol, de um modo geral, nos problemas políticos e sociais da Espanha. Bastaria identificar as “massas” e convencê-las de seu papel social e político na obediência aos projetos das “minorias”, caso não assumissem, de forma singular, um projeto de direção pautado no esforço e na responsabilidade de uma sociedade justa e fraterna.

Esta seria uma possibilidade de as “massas” deixarem de ser “massas” e se tornarem “minorias”. Veja a dinâmica da sociedade delineada por Ortega y Gasset: não há uma determinação natural para a condição de “homem-minoria” e de “homem-massa”, o que há é uma escolha pessoal de ser “minorias” ou de ser “massa”. Por isso, esse é o mais formidável acontecimento do século, podendo ser para o bem ou para o mal, pois a presença da vida nas praças é um sinal de elevação histórica, e a inércia dessa vida é prejudicial ao desenvolvimento das sociedades contemporâneas.

No que se refere às pressões, greves e protestos, o filósofo não apresenta nenhum argumento que seja contra a participação popular. Adverte, porém, que participar requer maturidade e compromisso.

Não basta participar por participar, é preciso esforço e projeto definido de sociedade. Não é possível pensar uma sociedade em que as “massas” façam tudo que lhes aprouver; o resultado seria catastrófico e sem precedentes, pois é preciso que a sociedade tenha regras que a façam funcionar para o bem de todos.

A participação do indivíduo deveria nascer de uma ação pensada e construída de forma a contemplar a organização social, e não simplesmente por um desejo de participar e impor seus gostos. Participar é compreender a vida como um drama humano e perceber o seu sentido na relação com a “circunstância”. Não há, no texto de Paulo Martinez, uma referência ao conceito de “vida”, “circunstância” e “vocaçãõ”. A abordagem é apresentada simplesmente sobre o sentido político de “minorias” e “massas”. A abordagem de Martinez (1997) necessita de uma fundamentação filosófica para elucidação das questões tratadas pelo autor da “Teoria das Elites”.

Miguel (2002) compartilha da visão de Paulo Martinez (1997) e acrescenta que há uma limitação da democracia na obra de Ortega y Gasset. Segundo Miguel, o filósofo espanhol corrobora a dominação social e política com o discurso das “diferenças naturais” e sua institucionalização. A discussão gira em torno do que se entende por democracia e limitação democrática. A base da reflexão democrática de Miguel é oriunda da teoria clássica, divulgada como teoria aristotélica, que representa o governo do povo e do cidadão livre. Para Ortega y Gasset (1997), haveria um entendimento acerca da “Democracia”? Pensa a liberdade como condição primeira da existência, mas tal liberdade requer certo compromisso e responsabilidade. O que Miguel chama de democracia, o filósofo espanhol chama de “hiperdemocracia”.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> “Hiperdemocracia das massas” é o fato de as massas atuarem sem leis, por meio de pressões materiais, impondo suas aspirações e seus gostos. As massas propuseram distanciar-se dos assuntos políticos, não discutindo e não participando das atividades políticas, o que consolidou lideranças conduzidas pela demagogia e pela ignorância. A lei que ocupa essa hiperdemocracia é: “Quem não for como todo mundo, quem não pensar como todo mundo correrá o risco de ser eliminado”. (ORTEGA Y GASSET, 1987, p. 41).

Para o filósofo espanhol, as “massas” atuam sem lei e sem projeto, querem participar, mas não constroem formas de participação, e sua ação é sempre violenta e arbitrária. Por isso, a democracia para Ortega y Gasset (1987, p. 87) deve contemplar a participação de quem pode e deve participar. “O mal é que essa decisão tomada pelas ‘massas’, de assumir as atividades próprias das ‘minorias’, não se manifesta, nem pode se manifestar, só em relação aos prazeres, mas de um modo geral no tempo”.

O que Miguel (2002) não considera em seu texto é o modo de vida que cada sujeito escolhe para viver e relacionar-se com a “circunstância”. Esta estaria ligada diretamente ao conceito de democracia como espaço de compromisso e responsabilidade com a coisa política, nos escritos orteguianos. Por isso, é imprescindível uma leitura cuidadosa e sistemática dos textos de Ortega y Gasset para compreendê-lo no âmbito da filosofia e de sua relação com a política, levando em consideração os conceitos e sua relação entre si.

Jaguaribe (1982), no prólogo da obra “História como Sistema”, apresenta uma série de considerações sobre a importância da filosofia de Ortega y Gasset, mas, quando faz uma análise sociológica e política do que o filósofo entende por “minorias” e “massas”, chama de pobre e sem fundamento esta compreensão orteguiana. Trata-se de uma análise oriunda dos usos e costumes, sem levar em consideração a relação social entre os homens. A questão é muito mais filosófica do que sociológica ou política. A pretensão do autor era refletir com os espanhóis um problema que era muito mais que político, e sim filosófico, conceitual.

Maria Tereza Lopes de la Vieja (2000) faz uma leitura diferenciada daquela feita por Jaguaribe (1982). Ela entende que a filosofia política de Ortega y Gasset não está preocupada com as concepções estritamente políticas. Há uma outra intenção do filósofo, que é a de definir a sociedade por uma tipologia de homem, compreendida como “homem-especial” e “homem-massa”.

Tal definição é justificada pela experiência visual de dois tipos de homens que povoam a sociedade. De um lado, os que se angustiam, esforçando-se para viver à frente do seu tempo; do outro, uma espécie de homem que se sente bem ao ser idêntico aos demais, um tipo genérico de homem que se confunde de um lado ao outro do mundo. (DE LA VIEJA, 2000). Pelas razões discutidas, é lícito pensar como Mariás (1991) e afirmar que os textos de Ortega y Gasset são apenas a ponta do *iceberg* e que existem muitas coisas ocultas que precisam ser reveladas.

### **Conclusões**

A discussão conceitual de “minorias” e “massas” na teoria da sociedade de massa é capital para compreender a diversidade dos movimentos sociais, das organizações populares, das campanhas eleitorais e do desenvolvimento do Estado como nação politicamente organizada. Toda organização que compreende uma grande quantidade de pessoas e exige delas obrigações e cumprimento de atividades políticas e sociais é passível da teorização de uma classe que se denomina de massa. O pensador espanhol Ortega y Gasset, que dedica parte do seu tempo à compreensão da sociedade de massa, entende a sociedade como dois fatores dinâmicos, a saber: minorias e massas. E nesta relação dinâmica, Ortega y Gasset tipifica duas espécies de homens, denominados “homem-especial” e “homem-massa”.

A sociedade de massa é compreendida pela via dos discursos democráticos e pela ação dos agentes envolvidos nesta mesma sociedade. Mas, como a democracia exige uma série de reflexões, detém-se à compreensão da democracia representativa que é a base dos estudos da política de massa. Não obstante o fato de que a democracia representativa corresponde aos interesses de grupos que pensam neste modelo como ideal, ainda assim, propõe restrições para a participação popular, uma vez que a massa é destituída de singularidade e competência de escolhas.

Ortega y Gasset (1987) chega a concluir que os problemas sociais e políticos nascem do aparecimento desordenado das massas e de sua insubordinação às minorias qualificadas e dirigentes. E, por isso, defende a limitação da democracia, como instrumento de garantia do desenvolvimento político e social. O filósofo parte da experiência visual da Espanha e percebe, em todos os lugares, o fenômeno das massas. Em outras palavras, a democracia é um exercício de uma minoria qualificada. A garantia de direitos à liberdade e à igualdade, nas questões políticas e sociais para todos os homens, transforma a democracia representativa em hiperdemocracia, na concepção de Ortega y Gasset. Bobbio (2000, p. 39) conclui que “nada ameaça mais a matar a democracia que o excesso de democracia”.

A política de massa esboça uma descrição de sociedade que é compreendida pelo seu aparecimento e sua ação nas sociedades contemporâneas. O inquietante na política de massa é a descrição da massa como instrumento de manobra e justificação de governos arbitrários e totalitários, assegurados pelo discurso democrático da legalidade que se faz via voto da maioria que não passa de massa. Ortega y Gasset, entretanto, se diferencia dos teóricos da sociedade de massa pelas observações conceituais e filosóficas apresentadas na obra “A Rebelião das Massas”.

A filosofia política do espanhol não é simplesmente uma compreensão política da realidade circunstancial, e sim uma possibilidade de elaborar uma percepção conceitual e filosófica da vida humana e sua relação com a sociedade. Esta análise deve nortear as leituras de quem deseja conhecer a filosofia política de Ortega y Gasset para não correr o risco de interpretá-lo como teórico das elites.

Tendo em vista a abrangência dos conceitos trabalhados por Ortega y Gasset na elaboração de sua filosofia política, faz-se necessário compreender de forma sistemática a obra “A Rebelião das Massas”, pois é possível que alguns teóricos que criticam a filosofia política de Ortega y Gasset não tenham compreendido, precisamente, as questões filosóficas arroladas pelo autor, sobretudo a discussão do que o filósofo

entende por “minorias” e “massas”. É importante uma análise rigorosa dos textos de Ortega y Gasset para compreender sua filosofia política, bem como sua obra capital, “A Rebelião das Massas”.

### **THE CONCEPTS OF MINORITIES AND MASSES IN THE PHILOSOPHY POLITICS OF ORTEGA Y GASSET**

**Abstract:** It is intended to analyze the concepts of “minorities” and “masses” from the philosophy politics of Ortega y Gasset presented in the workmanship the Rebellion of the Masses. Such concepts keep a topologic of two species of men, to know; the “special man” and the “man mass”. From the understanding of this topologic, one becomes necessary to investigate the philosophy politics of the author and its relation with the possible limitations of the democracy while space of popular participation, a time that some thinkers attribute to Ortega y Gasset the heading of “theoretician of the elites”. Under the conceptual look that keeps to the philosopher concerning “minorities” and “masses”, he intends yourself to analyze the origin or not of these critical from a systematic study of these concepts cardinals in the workmanship the Rebellion of the Masses.

**Key words:** Democracy. Philosophy. Politics.

### **Referências**

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

BOREL, Jean-Paul. **Raison et vie**. Neuchâtel: Baconnière, 1959.

CASCALÈS, Charles. **L’Humanisme D’Ortega y Gasset**. Paris: PUF, 1957.

DE LA VIEJA, Maria Teresa Lopes. Democracia y masas en Ortega y Gasset. **Revista de Estudios Orteguianos**, Madrid: Fundación José Ortega y Gasset, v. 1, p. 135-150, 2000.

JAGUARIBE, Helio. Ensaio introdutório. In: ORTEGA Y GASSET, José. **História como sistema**. Mirabeau ou o Político. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é esclarecimento? In: \_\_\_\_\_. *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MARÍAS, Julián. **Acerca de Ortega**. Madrid: Espasa Calpe, 1991.

MARTINEZ, Paulo. **A teoria das elites**. São Paulo: Scipione, 1997.

MIGUEL, Luis Felipe. A democracia doméstica: bases antidemocráticas do pensamento democrático contemporâneo. **Dados: Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro: Iuperj, v. 45, n. 3, p. 483-511, 2002.

MORA, Ferrater. Ensaio introdutório. In: ORTEGA Y GASSET, José. **Origem e epílogo da filosofia**. São Paulo: Editor Livro Ibero Americano, 1963.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditações de Quixote**. São Paulo: Editora Livro Ibero Americano, 1967.

\_\_\_\_\_. **España Invertebrada**. Madrid: Revista de Occidente en Alianza Editorial, 1956.

\_\_\_\_\_. **A rebelião das massas**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

PLATÃO. **A República**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

Artigo recebido em: 17/10/2006

Aprovado para publicação em: 15/03/2007